

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

ÁUREA SAYURI SHIHONMATSU

**FUTEBOL E DEFICIÊNCIA VISUAL:
A gênese do futebol de cinco.**

Campinas
2007

ÁUREA SAYURI SHIHONMATSU

**FUTEBOL E DEFICIÊNCIA VISUAL:
A gênese do futebol de cinco.**

Trabalho de Conclusão de Curso
(Graduação) apresentado à Faculdade de
Educação Física, da Universidade
Estadual de Campinas, para obtenção do
título de Licenciado em Educação Física.

Orientador: José Júlio Gavião de Almeida

Campinas
2007

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA
PELA BIBLIOTECA FEF – UNICAMP**

Sh61f Shihonmatsu, Áurea Sayuri.
Futebol e deficiência visual: a gênese do futebol de cinco / Áurea Sayuri Shihonmatsu. – Campinas, SP: [s.n.], 2007.

Orientador(a): José Julio Gavião de Almeida.
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas.

1. Futebol. 2. Futebol de salão. 2. Esportes para deficientes. 4. Deficientes visuais. 5. Cegos. I. Almeida, José Julio Gavião de. II. Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física. III. Título.

asm/fef

ÁUREA SAYURI SHIHONMATSU

**FUTEBOL E DEFICIÊNCIA VISUAL:
A gênese do futebol de cinco.**

Este exemplar corresponde à redação final do Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) defendido por Áurea Sayuri Shihonmatsu e aprovado pela Comissão julgadora em: 29/11/2007.

Prof.º Dr.º José Júlio Gavião de Almeida
Orientador

Prof. Dr. Paulo Ferreira de Araújo
Banca examinadora

Campinas
2007

Dedicatória

Dedico este trabalho a meus
pais, e ao meu namorado,
com todo o amor e carinho.

Agradecimentos

Gostaria de agradecer, primeiramente, ao meu pai, Firoyoshi e à minha mãe, Tomoko, pelo incentivo, apoio e dedicação incondicionais. Por tudo que foram e ainda são em minha vida e por todo o amor e carinho que sempre dedicaram a mim, e continuarão dedicando, durante todas as fases da minha vida.

Agradeço também a uma pessoa muito especial que Deus colocou em meu caminho no momento certo, Everaldo A. Micarelli, pelo apoio, incentivo, amor e acima de tudo paciência nos períodos críticos. Pessoa especial, que me ajudou muito e ainda me ajuda em todos os momentos, de alegria ou tristeza, certezas ou indecisões (e quantas...).

À minha família, sempre presente em minha vida.

A todos os meus amigos que, de uma forma ou de outra me ajudaram a construir, amadurecer e conceber este longo caminho de formação acadêmica, ajudando-me na difícil escolha da futura profissão e aconselhando nos momentos certos, quando mais precisei dos seus “ombros”.

E finalmente, mas não menos importante, a todos os meus professores, em especial ao meu orientador, José Júlio Gavião de Almeida, e à banca, Paulo Ferreira de Araújo, que me guiaram durante este árduo, porém prazeroso caminho, possibilitando uma formação crítica.

SHIHONMATSU, Áurea Sayuri. FUTEBOL E DEFICIÊNCIA VISUAL: A gênese do futebol de cinco. 2007. 48 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

Resumo

O futebol de cinco é uma modalidade onde participam pessoas com deficiência visual, classificados de acordo com a *International Blind Sports Federation* (IBSA), sendo que B1 é o atleta cego e B2 e B3 os com baixa visão. Este estudo foca a categoria B1, portanto a categoria de atletas cegos, por ser esta a modalidade presente nos Jogos Paraolímpicos e também conhecida, difundida e praticada mundialmente. Nestes Jogos, a estréia oficial do esporte se deu em Atenas – 2004, havendo apenas disputas no sexo masculino, da categoria B1, de onde a seleção brasileira se sagrou campeã. O esporte, embora tenha entrado para os Jogos Paraolímpicos só na última edição, em Atenas - 2004, já era muito conhecido desde os tempos de colégio dos atletas, onde a criançada realizava mudanças na bola para que esta emitisse algum som e assim pudessem localizá-la (atualmente, a bola é oficial, como a de futsal, mas contém guizos em seu interior). Este trabalho procurou conceituar as classes visuais, reconhecidas pela IBSA e retratar o histórico do futsal e, mais especificamente, do futebol de cinco, objeto tema deste estudo. Para tanto, utilizou-se uma pesquisa descritiva, do tipo longitudinal e uma pesquisa teórica. Desta forma, houve um estudo e análise de livros, dissertações, teses e artigos da biblioteca da Faculdade de Educação Física e do sistema online, SBU (Sistema de Bibliotecas da Unicamp), a pesquisa pela internet, utilizando-se a busca em bases de dados como o Scielo (Scientific Electronic Library Online), Google, Google Acadêmico, Bireme (Biblioteca Virtual em Saúde), Wikipedia, sites oficiais e de organizações do esporte paraolímpico, como a IBSA, FEDC, CBDC, CBFS, CPB, entre outros. A identificação com a modalidade futsal, o envolvimento em eventos voltados à atletas com deficiência visual, o interesse crescente pelo futebol de cinco, bem como a carência de trabalhos que abordem a prática do futebol de cinco no Brasil fez com que pesquisássemos a área afim de contribuir para a temática cada vez mais crescente no âmbito acadêmico. Sendo assim, nos vimos diante da problemática de encontrar documentos que resumissem, de forma consistente e pedagógica, informações à respeito do desenvolvimento das regras de futebol de cinco no Brasil, do seu surgimento até os dias de hoje.

Palavras-Chaves: Futebol; Futebol de Salão; Futebol de Cinco; Deficientes Visuais; Cegos.

SHIHONMATSU, Áurea Sayuri. SOCCER AND VISION IMPAIRMENT: The creation of Soccer of Five. 2007. 48 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

Abstract

The Soccer of Five is a sport where vision-impaired people participate, rated according to the International Blind Sports Federation (IBSA) as B1 being the completely blind athlete and B2 and B3 the ones with low eyesight. This study focuses the B1 category, the real blind athletes, because this sport is present in the Para-Olympic games, and is also known, widespread and practiced in the entire world. In these games, the official opening of such sport took place in Athens/2004, with games between male B1's only, and the Brazil team was the champion. Although this sport only joined the Para-Olympic games in the most recent games in Athens/2004, it had already been widely known since the athletes' high school days, where kids would change the ball to make it produce some sounds and, thus, be found. (the ball size is currently the same as in indoors-court-soccer, but it has rattles inside). This study sought to rank the vision classes and portrait the history of court soccer and, more specifically, of Soccer of Five, theme of this study. In order to do so, longitudinal research was used, along with some theoretical research. In doing so, there was a study and analysis of books, essays, theses and articles from the library of the Physical Education Faculty and from the online system, SBU (Unicamp Librarian System), and internet research to databases such as Scielo (Scientific Electronic Library Online), Google, Academic Google, Bireme (Health Visual Library), Wikipedia, official sites and some from Para-Olympic sports organizations, such as IBSA, FEDC, CBDC, CBFS, CPB, among others. The identification with court soccer, the involvement in events for athletes with vision impairment, the growing interest in Soccer of Five, as well as the lack of studies that deal with the practice of Soccer of Five in Brazil made us research the area in order to contribute to this ever-increasing set of themes in the academic world. Therefore, we faced some difficulty in finding documents that would summarize in a consistent and pedagogical way information about the development of rules of Soccer of Five in Brazil, from its origin up to our current days.

Keywords: Soccer; Court Soccer; Soccer Of Five; Vision-Impaired People; Blind People.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 -	Futebol. Fonte: CBFS, 2007.....	22
Figura 2 -	Projeto Pintando a Liberdade. Fonte: Ministério do Planejamento, 2007.....	34
Figura 3 -	Área do goleiro, demarcado na quadra. Fonte: IBSA, 2007 b.....	36
Figura 4 -	Goleiro em disputa de bola e área do goleiro. Fonte: IBSA, 2007 b.....	36
Figura 5 -	Goleiro.....	38
Figura 6 -	Goleiro (primeiro plano) e chamador (localizado atrás do gol). Fonte: UOL, 2007...	39
Figura 7 -	Venda (visão interna). Fonte: IBSA, 2007 f.....	40
Figura 8 -	Venda (visão geral). Fonte: IBSA, 2007 f.....	40
Figura 9 -	Disputa de bola. Fonte: IBSA, 2007 b.....	41
Figura 10 -	Disputa de bola. Fonte: IBSA, 2007 b.....	41

Lista de siglas e abreviaturas

ABDC	Associação Brasileira de Desportos para Cegos
ACM	Associação Cristã de Moços
APAE	Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais
CBDC	Confederação Brasileira de Desportos para Cegos
CBFS	Confederação Brasileira de Futebol de Salão
COI	Comitê Olímpico Internacional
CPB	Comitê Paraolímpico Brasileiro
FEDC	Federación Española de Deportes para Ciegos (Federação Espanhola de Esportes para Cegos)
FEF	Faculdade de Educação Física
FIFA	Federação Internacional de Futebol Associado
FIFUSA	Federação Internacional de Futebol de Salão
IBSA	International Blind Sports Federation (Federação Internacional de Esportes para Cegos)
IPC	International Paralympic Committee (Comitê Paraolímpico Internacional)
UNICAMP	Universidade Estadual de Campinas

Sumário

Introdução	10
1 Paraolimpíadas	14
2 Contextualização do futsal.....	21
3 O futebol de cinco e as competições	26
3.1 O futebol de cinco.....	26
3.2 Futebol de cinco e competições: Brasil, uma superpotência.	27
4 Futebol de cinco e as regras.....	31
Considerações finais	42
Referências Bibliográficas	45

Introdução

É difícil atualmente pensarmos em nosso país sem pensarmos no esporte com maior número de adeptos no Brasil, mais especificamente o futebol, e que por sua vez, é também instrumento de diversão da infância brasileira, em diferentes níveis de classes sociais.

O futsal, apesar de se tratar de um esporte um pouco mais novo que o futebol de campo – uma vez que surgiu somente na década de 1930, e praticado nesta época de maneira bem diferente do que é hoje, constituindo-se, em seu início, apenas numa versão do futebol, só que jogado em quadra, hoje vem também abarcando um número cada vez maior de espectadores e fãs, além de possuir identidade própria. O futsal, que também faz parte da cultura nacional e, apesar das barreiras que foram quebradas para a sua implantação e jogo, tal como o fato das mulheres serem proibidas de praticar o esporte, e terem sido liberadas legalmente somente no início da década de 1980, cresce vertiginosamente, independente do gênero ou classe social envolvida. Foi com isso que me interessei pela prática, tendo inclusive participado de várias competições de âmbito estadual e regional. Ao ingressar na universidade, pude entrar em contato com projetos de pesquisa e extensão às pessoas com deficiência visual, fazendo com que o interesse sobre esta área aumentasse com o decorrer do tempo. Com isso, resolvi, juntamente com a ajuda e orientação de professores da área, unir estes dois interesses e constituir uma pesquisa que atendesse às necessidades da área da educação física, em especial, a educação física adaptada.

O futebol de cinco é uma modalidade esportiva emergente, principalmente no âmbito paraolímpico, devido ao êxito alcançado pelo país em sua última edição (Atenas–2004), e nos jogos Para Panamericanos (Rio - 2007). Tornou-se, a exemplo do futsal e do futebol, uma hegemonia mundial. Hoje, é grande o número de pessoas que passaram a se interessar pela modalidade, além de se tratar de um esporte cujas características mostram-se fortemente enraizadas na cultura nacional. Este trabalho procura identificar/resgatar as mudanças ocorridas nas regras desta modalidade esportiva, desde o seu surgimento até os dias atuais, ou seja, resgatar e organizar a história e o desenvolvimento das regras do futebol de cinco no Brasil.

Nas modalidades paraolímpicas, por se tratarem de modalidades que englobam pessoas com diferentes graus de deficiências e visando não oferecer vantagem a qualquer atleta ou equipe, em nível de competição, estabeleceu-se a necessidade de uma classificação médica ou funcional destes jogadores, em qualquer modalidade esportiva que abarcam pessoas com deficiências, evitando assim, o favorecimento destes durante a competição.

No caso das competições oficiais para cegos e deficientes visuais regidas pela IBSA¹ e por suas filiadas, a classificação oftalmológica é a formatação escolhida para legitimar ou não a participação de uma pessoa nestas competições. As classes visuais reconhecidas pela IBSA, segundo Munster, Almeida (2005), são as seguintes²:

- **B 1:** Desde a inexistência de percepção luminosa em ambos os olhos, até a percepção luminosa, mas com incapacidade de reconhecer o formato de uma mão a qualquer distância ou direção.
- **B 2:** Da capacidade em reconhecer a forma de uma mão até a acuidade visual³ de 2/60 metros e/ou campo visual inferior a 5 graus.
- **B 3:** Da acuidade visual entre 2/60 e 6/60 metros ou campo visual⁴ de mais de 5 graus e menos de 20 graus.

Todas estas classificações deverão considerar ambos os olhos, com a melhor correção possível⁵.

Para a elaboração da pesquisa e do presente trabalho, realizamos uma pesquisa descritiva, do tipo longitudinal⁶, delimitando o estudo aos atletas da categoria B1, portanto, a categoria onde jogam somente atletas cegos. Isto se deve ao fato de se tratar da categoria que esteve presente nas Paraolimpíadas e, portanto, a mais conhecida, difundida e praticada mundialmente. Entendemos como pesquisa do tipo descritiva, a que teria como finalidade, segundo Piccoli (2006 p.128), observar, registrar e correlacionar fatos ou fenômenos, sem

¹ International Blind Sports Federation (Federação Internacional de Esportes para Cegos)

² A classificação funcional para atletas deficientes visuais estão divididas em três classes, iniciando-se sempre pela letra “B”, que em inglês significa “blind”, ou seja, cego.

³ Capacidade de distinguir detalhes. Esta é tomada a partir da relação entre o tamanho do objeto e a distância onde está situado. (MUNSTER, ALMEIDA, 2005)

⁴ Avaliado a partir da fixação do olhar, quando é determinada a área circundante visível ao mesmo tempo. (MUNSTER, ALMEIDA, 2005)

⁵ Todos os atletas que usarem lente de contato ou lentes corretivas deverão usá-las para classificação, mesmo que pretendam usá-las ou não para competir.

⁶ Analisa os dados obtidos das mudanças produzidas e sua evolução no tempo.

manipulá-los, [...] procurando descrevê-los, classificá-los e interpretá-los com o propósito de conhecer a sua natureza. Ainda segundo este mesmo autor, estas pesquisas podem utilizar a observação, a entrevista e o questionário como instrumentos de coletas de dado.

Além disso, realizamos uma pesquisa teórica, a fim de aprofundar o histórico do Futebol de cinco, da deficiência visual e de sua classificação esportiva. Esta pesquisa, segundo Lüdorf, 2004, seria aquela realizada através de levantamento bibliográfico, com a consulta de livros, periódicos, revistas, jornais, e também da internet, devendo-se organizar crítica e coerentemente as idéias de um determinado tema. Desta forma, utilizou-se um estudo e análise de livros, dissertações, teses e artigos da biblioteca da Faculdade de Educação Física e do sistema on-line, SBU (Sistema de Bibliotecas da Unicamp), utilizando-se das palavras-chaves: futebol de cinco (nomenclatura oficial, utilizada a partir da reestruturação das regras pelo IPC⁷, juntamente com a IBSA e a FIFA, no ano de 2004, visando os Jogos Paraolímpicos de Atenas), futebol B1, futsal B1, futebol para cegos, entre outros. Procuramos também a pesquisa pela internet, utilizando-se as mesmas palavras-chaves, utilizando-se a busca em bases de dados como o Scielo (Scientific Electronic Library Online), Google, Google Acadêmico, Bireme (Biblioteca Virtual em Saúde), Wikipédia, bem como sites oficiais de organizações do esporte paraolímpico, como a IBSA (International Blind Sports Federation (Federação Internacional de Esportes para Cegos)), FEDC (Federación Española de Deportes para Ciegos (Federação Espanhola de Esportes para Cegos)), CBDC (Confederação Brasileira de Desportos para Cegos), CBFS (Confederação Brasileira de Futebol de Salão), CPB (Comitê Paraolímpico Brasileiro), entre outros. Com tal pesquisa, nos foi possível acessar e manipular as informações que consideramos relevantes para a elaboração do presente trabalho.

Procuramos então entrelaçar as idéias dos autores e endereços eletrônicos das pesquisas teóricas consultadas, nos sendo possível com isso, estruturar os capítulos como se seguem, sendo que o primeiro trata num âmbito mais geral, a deficiência visual e a história das Paraolimpíadas, visto ser esta a competição mais importante na esfera do desporto adaptado.

No segundo capítulo, buscamos realizar uma contextualização histórica do futsal, desde o seu “surgimento” até os dias atuais, por ser a modalidade que de certa forma dá a diretiva para a prática do futebol de cinco.

⁷ International Paralympic Committee (Comitê Paraolímpico Internacional)

O terceiro aborda mais especificamente o futebol de cinco, no qual realizamos uma busca histórica da modalidade, bem como traçamos um panorama das competições realizadas até a presente data, apontando, a exemplo do futsal e do futebol, o Brasil como uma superpotência na modalidade do futebol de cinco, ou seja, o futebol para cegos.

Já no quarto capítulo, abordamos as regras do futebol de cinco, propriamente ditas, discutindo as alterações ocorridas ao longo do tempo, desde o seu surgimento, num aspecto mais lúdico, até os dias atuais, também passando a existir num aspecto mais competitivo, de rendimento. E, finalmente, nas considerações finais, procuramos apontar as projeções futuras desta categoria e as tendências de mudanças, como o surgimento e afirmação do futebol de cinco feminino, por exemplo.

1 Paraolimpíadas

Quando assunto é deficiência visual, a idéia geral das pessoas é a da figura de um indivíduo cheio de limitações e problemas que o impediria de realizar praticamente todas as atividades do dia a dia, inclusive as mais simples, como a de se locomover em situações que não sejam totalmente previsíveis, sendo então, impossível qualquer prática esportiva.

Quadro este muito distante do que nos acostumamos a ver ao longo do tempo, onde a educação física e o esporte estavam, e muitas vezes ainda estão, muito associados ao alto-rendimento, à busca pelos resultados, à quebra de recordes e à alta performance dos atletas, cada vez mais exigidos. Isto se deve, inclusive, à influência cada vez mais crescente da mídia na vida de todos nós. A espetacularização do esporte surgiu principalmente a partir do último século. O esporte passa então a ser meio para a venda de diversas mercadorias, ligadas (camisas dos clubes, tênis usado pelos ídolos, bolas, agasalhos etc.) ou não a este (desodorantes, cremes para o corpo, aparelhos de barbear, alimentos ditos saudáveis etc.), gerando lucros e possibilitando o controle dessa massa populacional pelos meios de comunicação (televisão, rádio, placas e anúncios publicitários).

Devido a essa alta capacidade de geração de informação, esta tecnologia possui o poder de, segundo Betti (1998, p. 132) ser “arma, ferramenta ou instrumento, destinados, respectivamente, à destruição, à construção ou à percepção do mundo”, de acordo com o modo como a informação é passada e à capacidade de interpretação crítica daqueles que a recebem. Isso confere à televisão, a capacidade de construir um ídolo esportivo ou até mesmo destruir relacionamentos através de notícias veiculadas.

Este pode ser apenas um panorama da educação física e do esporte na vida de um indivíduo, ou seja, a popularização, a busca incessante pela quebra de recordes e alta performance. Porém não são os únicos. Muitos outros fatores devem ser levados em consideração, não só quando falamos em atividade física para pessoas com deficiências, uma vez que muitas destas pessoas procuram o esporte apenas para se divertirem, para a manutenção do condicionamento físico ou para uma simples porém valorosa reunião familiar aos finais de semana. Porém, mesmo entre as pessoas com deficiências, não é raro encontrar aquelas que

também buscam o esporte com o objetivo citado anteriormente, ou seja, que buscam acima de tudo a competição, a participação no esporte com o objetivo da vitória, da quebra de recordes.

Um aspecto importante que devemos levar em consideração quando nos vemos diante desta população com necessidades especiais, é a potencialidade de cada indivíduo e a sua capacidade, e não a limitação ou a desvantagem que este poderá ter ao realizar alguma atividade. “Ser diferente não é melhor ou pior; a diferença simplesmente é” (PEDRINELLI, VERENGUER, 2005, p. 11).

Como o foco deste estudo é a prática esportiva do futebol de cinco pelas pessoas com deficiência visual (ou seja, uma prática competitiva), especificamente a categoria B1 – atletas cegos, como já explicado no tópico anterior – e o desenvolvimento das regras de futebol de cinco no Brasil, desde o seu surgimento até os dias atuais, optamos por entender um pouco melhor a evolução do evento mais importante na esfera paraolímpica, ou seja, os jogos paraolímpicos (paraolimpíadas), desde seu surgimento até os dias atuais. Podemos assim entender a evolução no sentido de o esporte para pessoas com deficiências ter abandonado o caráter estritamente de lazer e reabilitação, passando também a buscar o alto rendimento. Com esta evolução, segundo informações obtidas em CPB (2007 a), muitos atletas deixaram para trás a regra do amadorismo e começaram a perseguir o profissionalismo, com a intenção de obter grandes desempenhos. Ainda segundo este, como exemplo e no mesmo sentido da evolução e desenvolvimento do esporte adaptado, “se em Roma as cadeiras podiam ser de madeira, hoje estão muito mais modernas e são atualmente produzidas com a mais alta tecnologia, como a fibra de carbono ou alumínio”.

Na década de 60, se o tempo de um velocista cego, na prova de 100 metros no atletismo, era acima dos 16 segundos, hoje um velocista não ultrapassaria a marca de 12 segundos. Àquela época, ainda para demonstrar o nível de amadorismo a que se chegava, vários atletas iam para estas competições sem ao menos saberem as provas das quais fariam parte, em contraposição aos dias atuais, em que os atletas se especializam em determinadas funções, de acordo com o que se propõe a fazer, tal qual no esporte olímpico.

Para a consolidação cada vez maior do esporte paraolímpico, muitos estudiosos de todo mundo se juntaram a esta causa, possibilitando a elaboração de muitas publicações e tecnologias relacionadas ao movimento paraolímpico. Há também a contribuição cada vez maior

e o crescente interesse da mídia, potencializando a consolidação dos esportes para os atletas com deficiência.

Nas primeiras edições das paraolimpíadas, apenas pessoas cadeirantes podiam competir. Em contraposição, atualmente, praticamente pessoas com todo tipo de deficiência participam da edição dos jogos. Segundo informações obtidas em CPB (2007 a), a tecnologia, a sofisticação e o glamour passaram a ser ingredientes indispensáveis no que já é o segundo maior evento esportivo do mundo, vindo a perder apenas para os Jogos Olímpicos.

Em resumo, temos que, na primeira versão das paraolimpíadas, em Roma, 1960, houve a participação de 400 atletas, distribuídos em apenas oito esportes. Já na sua última edição, em Atenas, 2004, contou-se com 4.000 atletas inscritos, em 19 modalidades. Os investimentos também cresceram, ou até mesmo surgiram, chegando a atingir patamares inimagináveis há um tempo atrás. Esta última edição contou com a colaboração de patrocinadores mundiais, que ajudaram a custear este evento, tal qual ocorre nos jogos olímpicos, maior evento esportivo do mundo, fazendo com que, portanto, se fizesse visível a profissionalização do esporte paraolímpico.

Ainda segundo informações obtidas em CPB (2007 a), “o nicho mercadológico gerado tem proporções ainda não avaliadas corretamente”, aumentando assim o interesse da mídia, como já citado anteriormente. Com isso, o crescimento, em cada edição dos jogos aumentam a níveis ainda inimagináveis, uma vez que a primeira cerimônia de abertura contou com a presença de aproximadamente 5500 expectadores, enquanto na última, participaram cerca de 75000. O número de países participantes também aumentou vertiginosamente: a primeira versão dos Jogos contou com a presença de 23 países, e a última (em 2004), 123 participantes.

Falando mais especificamente de cada edição dos jogos paraolímpicos (segundo informações obtidas em CPB, 2007 b) e de suas peculiaridades, temos que em Roma, 1960 tenha sido a primeira Paraolimpíada realizada na mesma cidade da Olimpíada, com a proposição que os Jogos Internacionais de Stoke Mandeville se realizassem naquele ano na capital italiana, imediatamente após a XVI Olimpíada. A cerimônia de abertura foi no Estádio Acqua Acetosa, na Itália, contando com a presença de mais de 5.000 espectadores, reunindo aproximadamente 400 esportistas em cadeira de rodas⁸, de 23 países. Nesta edição, apenas oito esportes foram disputados (Snooker, Arremesso, Lançamento, Basquete em Cadeira de Rodas, Natação, Tênis de

⁸ Até a paraolimpíada de 1972 apenas atletas cadeirantes participaram.

Mesa, Arco e Flecha e Pentatlo). Esta primeira edição teve a Itália como a grande vencedora, seguida pela Inglaterra e Estados Unidos.

As paraolimpíadas de Tóquio, realizada em 1964, contou ainda com um número reduzido de participantes (375 esportistas de 22 países). Uma característica interessante é a de que o país sede conseguiu obter amplo apoio de pessoas e empresas através de doações ao comitê organizador. A cerimônia de abertura reuniu mais de 5000 espectadores.

Foram mantidas todas as provas da edição anterior, havendo uma inversão no quadro de vencedores, ficando os Estados Unidos em primeiro, seguidos pela Inglaterra e Itália. Esta versão dos Jogos despertou interesse mundial da mídia marcando o início do processo de consolidação da divulgação do esporte paraolímpico nos meios de comunicação.

Em 1968, o país que foi sede das olimpíadas não foi capaz, por razões estipuladas como técnicas e financeiras, de realizar as paraolimpíadas, sendo então, a competição, realizada em território israelense, na cidade de Tel Aviv. Houve um aumento significativo no número de espectadores, bem como na cobertura da mídia. As subclassificações dos esportes presentes também aumentaram bastante: Atletismo, Natação, Halterofilismo, Tênis de Mesa, Arco e Flecha, Sinuca, Basquetebol, Esgrima e Bocha. Novamente, EUA e Inglaterra confirmaram sua força, ficando com as duas primeiras colocações, respectivamente. A surpresa ficou por conta de Israel que superou muitos favoritos e chegou em terceiro lugar no quadro geral de medalhas.

Ainda em 1972, os jogos paraolímpicos não aconteceram no mesmo local da olimpíada. O problema maior ficou por conta das dependências da vila dos atletas em Munique, na Alemanha, que não era adaptada e não estaria disponível para os atletas paraolímpicos depois do final dos Jogos Olímpicos, sendo então os jogos transferidos para a cidade de Heidelberg, também na Alemanha. Estes jogos representaram um marco histórico para nosso país, por ter sido a primeira paraolimpíada a contar com a participação de atletas brasileiros, embora, como estes ainda contavam com pouco apoio para realizar seus treinamentos, não conseguiram nenhuma medalha. Esta edição recebeu mais de 1000 atletas de 44 países, sendo mantidos os mesmos esportes da edição anterior, porém, com a inclusão de dois esportes para pessoas com deficiência visual, ainda em caráter de demonstração: o Goalball e os 100 metros rasos. Nesta edição, houve também a inclusão dos amputados, além dos já citados esportes para deficientes visuais.

No Canadá, a Paraolimpíada de Toronto, realizada em 1976, teve como marco o início das transmissões dos Jogos feitas ao vivo, contando com cerca de 600 mil canadenses que puderam assistir, em tempo real, algumas provas. Os competidores ficaram separados nos alojamentos, de acordo com as deficiências. Os cadeirantes foram alojados em locais adaptados e os deficientes visuais foram para um instituto de cegos. Nesta edição, os brasileiros ganharam suas primeiras medalhas paraolímpicas: Robson Sampaio de Almeida e Luís Carlos Curtinho conquistaram medalha de prata na Bocha, levando o país à 31ª colocação no quadro final de medalhas.

Em, 1980, a paraolimpíada deveria acontecer no mesmo lugar da Olimpíada (que ocorreu em Moscou, na antiga União Soviética). Porém, mais uma vez, a organização dos jogos olímpicos se esquivou de realizar as duas competições. A Dinamarca e a África do Sul lançaram candidaturas, sendo a primeira a grande vencedora. A cidade dinamarquesa de Arnhem foi o palco do maior evento esportivo do mundo para pessoas com deficiência até a época. Mais de 1.900 atletas de 42 países participaram. Pela primeira vez Voleibol, Goalball e as competições para paralisados cerebrais foram aceitos no programa paraolímpico, já em caráter competitivo. No final dos anos 80 é fundado o Comitê Paraolímpico Internacional – IPC.

Em 1984, a edição da paraolimpíada foi marcada pelo fato de ter sido realizada em dois países diferentes: um localizado na América e outro na Europa, mais especificamente, Inglaterra (Nova Iorque/Stoke Mandeville). A princípio existia interesse dos organismos de esporte para pessoas com deficiência em realizar a Paraolimpíada juntamente com a Olimpíada. Porém houve pouca possibilidade de contato com o COI⁹, que havia decidido realizar os Jogos Olímpicos de 1984 em Los Angeles. Nesta edição, os brasileiros tiveram uma boa participação, conquistando seis medalhas, o que nos colocava em 29º, entre os melhores países do mundo. Os destaques foram para a corredora cega Anaelise Hermany, que foi medalhista de prata nos 100m rasos, e bronze nos 800m rasos e a corredora Márcia Malsar, medalha de ouro nos 200m rasos e bronze nos 60m rasos. Os Jogos de Stoke Mandeville, que ocorreram simultaneamente, contaram com a participação apenas de atletas cadeirantes. O Brasil teve boa participação e garantiu 21 medalhas.

Já nas paraolimpíadas de Seul (Coréia do Sul), em 1988, os jogos voltaram a acontecer na mesma cidade da Olimpíada e, pela primeira vez os locais de competição da

⁹ Comitê Olímpico Internacional

Olimpíada e da Paraolimpíada foram os mesmos. Além da quebra de muitos recordes e do aumento da profissionalização esportiva, a tecnologia empregada nas provas foi compatível com o que existia de mais moderno para a época. Houve um aumento na cobertura da mídia, possibilitando que espectadores de todo o mundo todo pudessem acompanhar algumas provas. O Brasil obteve um número recorde de medalhas ao conquistar 27, sendo quatro de ouro, 10 de prata e 13 de bronze.

Barcelona, 1992 foi a maior Paraolimpíada até a sua época, fornecendo a cerca de 3000 atletas, de 83 países, condições de competição antes impensáveis, proporcionando a adaptação de toda a cidade, de acordo com as necessidades e fornecendo um apoio aos atletas, muito próximo do ideal. A revelação, para o Brasil, foi a iniciante atleta velocista Ádria Santos que conquistou sua primeira medalha de ouro.

Na sua edição de 1996, em Atlanta, houve a melhora gradual nas performances, com a quebra de novos recordes mundiais. Pela primeira vez os atletas deficientes mentais participaram em caráter competitivo. O Brasil voltou a ter uma boa participação com 21 medalhas, sendo 2 de ouro, 6 de prata e 13 de bronze, o que nos colocava entre os 37 melhores do mundo.

Os Jogos de Sidney, que ocorreram no ano de 2000, foram estruturados a tal ponto que deram à Paraolimpíada o título de segundo maior evento esportivo do mundo, ficando atrás apenas da Olimpíada. Segundo especialistas do Comitê Paraolímpico Internacional-IPC, do ponto de vista organizacional, esta edição dos Jogos não poderia ter sido melhor. Foi nestes jogos que os atletas brasileiros tiveram a melhor participação da história, conquistando seis medalhas de ouro, 10 de prata e seis de bronze e nos colocando entre as 24 maiores potências paraolímpicas do mundo.

Chegamos então à última edição realizada até o presente momento, os jogos paraolímpicos de Atenas, na Grécia, que ocorreram no ano de 2004. Nesta, pela primeira vez o Comitê Organizador dos Jogos Olímpicos também foi responsável pela organização dos Jogos Paraolímpicos. Contou-se com a participação de mais de 4000 atletas, que disputaram 19 modalidades, dentre os quais, o futebol de cinco, tema alvo deste trabalho e que será melhor abordado nos capítulos posteriores. Por uma decisão do governo grego, os atletas paraolímpicos não tiveram de pagar qualquer taxa de participação, e quase todos os locais de competição utilizados na olimpíada foram mantidos para a paraolimpíada, com exceção do futebol de sete e o

de cinco, que foram disputados em um local diferente do da olimpíada, em função das diferenças nas medidas do campo e no material do piso. Um fator interessante foi o de que a maioria dos locais turísticos, prédios públicos e regiões urbanas com grande fluxo de pessoas foram revistos para que fossem retiradas, ou revistas, as barreiras arquitetônicas, tanto em Atenas quanto em todas as cidades que foram sede das competições. Procurando auxiliar ainda mais, um guia contendo os nomes dos 1315 estabelecimentos que respeitam as normas de acessibilidade foi distribuído e também disponibilizado no site oficial dos jogos. Houve também a adaptação de grande parte da Vila dos Atletas Olímpicos e Paraolímpicos e as casas para hospedagem ficavam próximas ao centro de Atenas, com toda a infra-estrutura presente, como centros médicos, de recreação e religião, cinemas, danceterias, entre outros.

Enfim, foi em Atenas que se iniciou o destaque internacional em relação à participação do futebol de cinco em paraolimpíadas e, desta feita, a equipe brasileira tornou-se a vencedora, garantindo a primeira medalha de ouro do futebol de cinco, na história das paraolimpíadas.

2 Contextualização do futsal

O futebol, de maneira geral, é um dos esportes mais praticados (e mais aceitos) pela população brasileira em geral. Isto se deve, provavelmente às características culturais do povo brasileiro. Apesar da grande especialização que requer para atingir os níveis profissionais, trata-se, nos momentos de lazer, de uma grande brincadeira, “... basta dar uma volta por aí, pelas areias das praias, pelas quadras de futebol de salão, pelas ruas de terra ou de asfalto, por cada pedacinho de chão onde uma bola possa rodar [...]”. (FREIRE, 2003, p. 2) “[...] É um esporte organizado em um conjunto particular de movimentos que, pela manipulação de uma bola com os segmentos corporais, [...] expressa as idéias e os sentimentos de indivíduos e, de uma maneira mais global, a cultura de povos” (FREIRE, 2003, p. 17).

A prática deste esporte, inicialmente dirigido à elite masculina (já que, segundo Lucena (2001) veio ao Brasil trazido pelos filhos de imigrantes ingleses, sendo também praticado no cais do porto pelos marinheiros ingleses, que utilizavam-no como um divertimento, considerado por muitos como um “divertimento esquisito”, para passar o tempo), difundiu-se entre toda a população local, incorporando-se elementos culturais aqui presentes, como a “ginga” e a “malandragem”, tornando-se uma verdadeira “febre” e sendo observada a sua prática, hoje em dia, por ambos os gêneros, todas as classes econômicas e em todos os locais, desde favelas até os condomínios de luxo. “O futebol torna-se distinto pela incorporação de um ‘molejo’ característico desse esporte no Brasil [...] que incorpora o vocabulário do esporte, a finta curta, ou um Leônidas, o Diamante Negro que, com bicicletas, encantou o mundo” (LUCENA, p.134-135).



Figura 1: Futebol. Fonte: CBFS, 2007.

Com isso, o futebol, ao longo do século XX foi crescendo, tanto em número de adeptos quanto, devido à grande repercussão na mídia, em investimentos da iniciativa privada. Surge então a espetacularização deste esporte. Ele é agora tratado quase que como uma mercadoria, exigindo um rendimento cada vez maior, para atender às solicitações do mercado atual. Com isso, a quantidade de adeptos e o seu consumo (venda de ingressos e produtos dos times, como camisetas, bonés e meiões) aumentam cada vez mais.

E devido a muitos fatores, como a falta de espaços para a prática do futebol, visto a necessidade de um espaço amplo para a sua prática, o que o torna muitas vezes inviável com crescimento das cidades, principalmente as grandes capitais, houve um deslocamento desta modalidade para as quadras, fazendo com que esta nova possibilidade de prática fosse denominada, inicialmente, futebol de salão. Esta modalidade tornou-se cada vez mais aceita e difundida devido, entre outros motivos à maior facilidade em se conseguir um número reduzido de pessoas, necessárias para o jogo (cinco para cada equipe em contraposição aos onze jogadores necessários no futebol). Outros motivos desta grande adesão foram a facilidade de acesso aos seus diversos aparatos que possibilitam sua prática: primeiramente a infra-estrutura, uma vez que em qualquer local pode-se adaptar o ambiente para se jogar; em qualquer pedacinho de chão, em qualquer terreno vazio, ou mesmo nas ruas. Um outro fator que facilita a grande procura por esta modalidade é a facilidade de acesso às regras, que não são tão complexas, podendo-se adaptá-las dependendo de quem joga, sem perder as características do esporte.

Para o surgimento desta modalidade, que inegavelmente ocorreu na década de 1930¹⁰, existem duas correntes que competem entre si. Uma das versões, segundo CBFS (2007), Itani (2005), Morato (2006), Santana (2007), entre outros é a de que o esporte teria surgido no Uruguai, na ACM de Montevideu, onde o professor Juan Carlos Ceriani teria criado as primeiras regras, fundamentando-se, segundo Itani (2005, p. 5) na essência do futebol, e também em outros esportes, como o basquete (similaridade no tempo do jogo), o handebol (regras de validação do gol) e o pólo-aquático (baseando a ação do goleiro). Nesta versão, jovens brasileiros teriam, em visita ao local, entrado em contato com estas regras, trazendo-as ao Brasil. Ainda a respeito da vinda do esporte para o Brasil, acredita-se que estas regras vieram para o Brasil, após um curso realizado na ACM deste país, que contaram com a participação de todas as ACM da América

¹⁰ Embora muito diferente ainda, segundo Santana (2007), da modalidade praticada atualmente; pois tratava-se simplesmente do futebol, jogado em quadra.

Latina (FERREIRA, 1994; TORRES, 1997; SANTANA, 2004 apud ITANI, 2005). No entanto, estes mesmos autores, segundo Itani (2005, p. 5) estão certos de que o Brasil tenha sido “o maior protagonista da divulgação desta nova modalidade e do aperfeiçoamento, unificação e desenvolvimento das suas regras”

A outra versão, também bastante aceita, que é inclusive sustentada pela própria CBFS¹¹, que acredita que o surgimento do futebol de salão se deu no Brasil, na ACM de São Paulo, no final desta década (1930), onde fora praticado por outros jovens a título de recreação, uma vez que estes encontravam uma grande dificuldade em encontrar campos de futebol livres para poderem jogar. Começaram então a jogar suas partidas em quadras de basquete e hóquei. Inicialmente, segundo (CBFS, 2007), era jogado com cinco a sete jogadores em cada equipe, mas logo definiram o número de cinco jogadores para cada equipe. As bolas que se utilizavam inicialmente, eram de materiais como serragem, crina vegetal, ou cortiça granulada, mas apresentavam o problema de saltarem muito e freqüentemente saírem da área de jogo. Foi então que se teve a idéia de diminuírem o seu tamanho e aumentarem o seu peso, passando com isso a se chamar popularmente de o "ESPORTE DA BOLA PESADA".

Com o estudo do processo histórico, podemos citar alguns fatos e acontecimentos, que segundo Itani (2005, p.5-6), Santana (2007) e CBFS (2007), foram relevantes para o desenvolvimento e evolução da prática do futebol de salão não só no âmbito nacional, mas como já dissemos, que foram importantes também para a sua adesão e prática internacionais, como segue:

- Década de 1930: surgimento do futebol de salão, embora ainda haja discordância sobre sua “paternidade”. Àquela época ainda bem diferente do que é hoje, parecendo-se muito mais com um futebol, só que praticado em quadra.
- Década de 1940: popularização e divulgação da prática do futebol de salão, chegando aos clubes recreativos e às escolas regulares, através das ACMs do Rio e de São Paulo. Ainda nesta década, houve o aperfeiçoamento das regras deste esporte, através da Comissão de Futebol de Salão da ACM de SP, que realizou alguns estudos e observações e procurou uniformizá-las.

¹¹ Confederação Brasileira de Futebol de Salão.

- Década de 1950: houve a regulamentação e o reconhecimento do futebol de salão, com a oficialização da sua prática, por parte da CBD¹², bem como o surgimento das federações nacionais, sendo a Carioca (1954) e a Paulista (1955) as pioneiras. Em 1956 lançou-se a 1ª regra oficial de Futebol de Salão do mundo, que posteriormente também foi adotada pela FIFUSA. Ainda no final desta década ocorreu o primeiro Campeonato Brasileiro de Seleções, em São Paulo (1959).
- Década de 1960: expansão do futebol de salão pela América Latina, com o surgimento da Confederação Sul Americana de Futebol de Salão. São promovidos também nesta década, os primeiros campeonatos Sul-Americanos de Clubes e Seleções.
- Década de 1970: fundação da FIFUSA¹³, em 1971, no Rio de Janeiro e da CBFS, em 1979, com sede em Fortaleza (CE). Início do interesse da FIFA¹⁴ pelo esporte.
- Década de 1980: internacionalização do futebol de salão e discussão mundial para a criação do Futsal – unificação do futebol de salão (FIFUSA) e do futebol de cinco (FIFA). Promoção dos primeiros jogos Pan-americanos e organização de três campeonatos mundiais pela FIFUSA. Autorização, em 1983, por parte da FIFUSA, da prática do futebol de salão feminino. Promoção, agora por parte da FIFA, do 1º Campeonato Mundial (1ª Copa do Mundo) de Futsal, na Holanda.
- Década de 1990: Filiação da CBF à FIFA na modalidade de futsal e surgimento no Brasil, da Liga Nacional de Futsal. Organização, por parte da FIFA de Campeonatos Mundiais de futsal.

Já como características da atual década, podemos citar alguns pontos bastante relevantes, como a reunião, pela primeira vez, em 2001, de uma Seleção Brasileira de Futsal Feminino. Em 2002, é realizado o I Campeonato Brasileiro de Seleções de Futsal Feminino, onde

¹² Confederação Brasileira de Desportos

¹³ Federação Internacional de Futebol de Salão

¹⁴ Federação Internacional de Futebol Associado

São Paulo se sagrou o campeão e Paraná, vice. Em 2004, em sua segunda edição, São Paulo foi bi-campeão.

A FIFA promoveu, em 2004, na China, o 5º Campeonato mundial, onde a Espanha sagrou-se campeã e o Brasil, pela primeira vez ficou fora de uma final desta competição. Em 2007, esta modalidade é incluída nos Jogos Pan-Americanos, que ocorreu na cidade do Rio de Janeiro, ficando mais próximos do maior sonho, que é a inclusão da modalidade nos Jogos Olímpicos.

Porém, muitos dizem que este fato ainda não ocorreu devido à necessidade de uma maior afirmação da modalidade de futsal feminino, ainda não muito difundida mundialmente. Como pudemos notar, no Brasil, somente houve a autorização para a prática deste esporte no início da década de 1980 e ainda hoje, muitas mulheres que competem em alto nível na modalidade sofrem muitos preconceitos, são taxadas de ‘masculinas’ e até de homossexuais. Porém o interesse e a prática do futsal feminino vêm aumentando muito nas últimas décadas e tende a aumentar ainda mais, com a cobertura crescente da mídia, fazendo com que, num futuro próximo, esta adesão que hoje ocorre na modalidade masculina, embora a distância para a valorização que ocorre no futebol ainda seja exorbitante, se torne a mesma na modalidade feminina.

3 O futebol de cinco e as competições

3.1 O futebol de cinco

A adesão à prática da modalidade que faz parte da cultura do Brasil também se dava nas instituições especializadas para pessoas com deficiência visual, desde a década de 20 (IBSA, 2007 d; FEDC, 2007), quando, no pátio, nos intervalos das aulas, os alunos adaptavam a bola, encapando-a com sacolas plásticas, para possibilitar a orientação e localização desta, ou ainda praticavam a atividade com latas de refrigerantes, nas escolas em que estudavam. Àquela época, não importava o tamanho nem o material que a bola (ou objeto utilizado para simulá-la) era feita, bastava que fizesse barulho para permitir a localização, para que pudessem marcar gols e se divertir. O futebol de cegos, então “[...] creció condicionado por lo reducidos espacios que los colegios destinaban al deporte” (IBSA, 2007 d). No Brasil, há relatos da prática desta modalidade, segundo Itani (2005, p.8) e CPB¹⁵ (2006), aparentemente desde a década de 1950 e, assim como na Espanha, o esporte também era praticado nos intervalos das aulas dos institutos e escolas, e as adaptações que realizavam na bola para tornar a prática possível eram similares.

Hoje em dia a bola é oficial, idêntica à do futsal, mas possui guizos em seu interior, com a finalidade de orientar os jogadores por meio do som emitido, sem que haja a necessidade de uma pessoa que diga onde a bola está. As que são utilizadas em jogos internacionais da IBSA¹⁶ são de fabricação brasileira.

A entidade responsável por este esporte é a Federação Internacional de Esportes para Cegos (IBSA), fundada em Paris, em 1981, sendo desde então, o “órgão responsável por organizar, dirigir, executar, regulamentar e supervisionar o desporto adaptado à pessoas com deficiência visual em nível internacional” (MUNSTER, ALMEIDA, 2005, p. 73). A CBDC¹⁷ (Confederação Brasileira de Desportos para Cegos) promove campeonatos de futebol de cinco

¹⁵ Comitê Paraolímpico Brasileiro

¹⁶ International Blind Sports Federation (Federação Internacional de Esportes para Cegos).

¹⁷ Confederação Brasileira de Desportos para Cegos

desde sua fundação, em 1984. Hoje somos o país com mais equipes no mundo, com 40 times distribuídos por 21 estados. Por isso é também a nação que mais realiza competições.

O Futebol de cinco é, então, uma modalidade da qual participam pessoas com deficiência visual, seguindo a classificação citada anteriormente, onde B1 é o atleta cego e B2 e B3 os com baixa visão. As categorias de competição são divididas por classe visual (B1 e B2/B3) e as partidas são divididas em dois tempos de 25 minutos, com um intervalo de 10 minutos entre eles.

No próximo segmento, iremos discutir de uma maneira um pouco mais específica, as competições que ocorreram e que ainda ocorrem nesta modalidade, bem como demonstrar o porquê o Brasil pode ser considerado uma superpotência quando se fala em futebol de cinco, a exemplo do futsal e do futebol.

3.2 Futebol de cinco e competições: Brasil, uma superpotência.

Com o crescente interesse pela modalidade, que como vimos, se dava desde a década de 1950 aqui no Brasil, houve também um crescente interesse em se criar uma organização que pudesse coordenar o esporte para cegos no Brasil, tendo assim o reconhecimento e a oficialização da modalidade em âmbito nacional. Com isso houve, em 1984, a fundação da Associação Brasileira de Desportos para Cegos – ABDC, que posteriormente, em 2005, passou a ter a nomeação de Confederação Brasileira de Desportos para Cegos – CBDC. Esta confederação, segundo Itani (2005 p. 9), além de propiciar as competições de futebol, estimula também a prática desta e de outras modalidades esportivas para deficientes visuais, como o atletismo, o goalball (modalidade criada especialmente para os deficientes visuais), natação, judô, xadrez e powerlifting (um tipo de levantamento de peso pouco difundido no Brasil, porém bastante praticado no leste europeu e na Ásia, principalmente na Turquia e no Irã).

Ainda no início da década de 1980, podemos citar como um dos principais acontecimentos a criação da IBSA, que visava o “desenvolvimento internacional dos esportes para cegos” (Itani, 2005 p. 9). A IBSA vê o esporte como o

mejor medio de promoción de la imagen integradora de las personas con discapacidad y ciegas en particular, ayudando a superar su minusvalía potenciando su autoestima, capacidad de superación y normalización en su entorno, y en definitiva, su plena realización [...] estimular al mayor número posible de personas ciegas para que practiquen distintos deportes y actividades físicas, convirtiéndose en futuros atletas ciegos, llegando a competir desde torneos escolares al más alto nivel de la elite mundial del deporte de ciegos y paralímpico. (IBSA, 2007 e).

No Brasil, existem muitos adeptos da modalidade, muitos que o praticam tão somente como simples passatempo. Já outros, procuram a modalidade com o intuito de treinarem para se tornarem grandes campeões, ou seja, com o intuito da busca pelo rendimento, pelas competições, pelas vitórias, assim como acontece no desporto olímpico. Este esporte, o futebol de cinco, possibilita o desenvolvimento de muitos aspectos, muitas vezes latentes nas pessoas com deficiências, por diversos motivos, desde a super-proteção e insegurança para realizar certos movimentos até a incerteza do local que muitas vezes o cerca:

al hablar de fútbol sala de ciegos, hablamos de habilidad para manejar un elemento externo (balón), que requiere técnica individual para la localización del sonido (balón) y del obstáculo (jugadores rivales), y todo esto desde la orientación individual y colectiva, el dominio espacial y corporal que permita una coordinación para el regate, el pase a un compañero o el disparo a puerta, intentando siempre no perder el orden táctico individual y colectivo. (FEDC, 2007 a)

Com relação às primeiras competições, em 1986, em Madri, foi disputado o primeiro campeonato espanhol de futebol de cinco, contando com a participação de quinze equipes (FEDC, 2007 b). Já no Brasil, neste mesmo ano, ocorria o primeiro campeonato brasileiro (ABDC apud ITANI, 2005), fazendo com que estes dois países oficializassem, no mesmo período, “a prática do futebol para pessoas cegas, baseando-se nas regras do futebol de salão convencional. No caso da Espanha, denominado futebol de cinco” (ITANI, 2005 p. 9). Porém, segundo esta mesma autora, já na década de 1970 havia relatos da participação de alguns atletas em eventos promovidos pelas APAEs¹⁸, nos quais o futebol já estava presente. Internacionalmente, segundo Itani (2005, p. 11), o primeiro evento que contou com a participação de uma equipe nacional ocorreu em comemoração dos 50 anos da ONCE¹⁹, em 1988.

Porém, somente em 1995,

cuando la International Blind Sports Association²⁰, [...], creo el Subcomité de Fútbol Sala y desde ese lugar se definió un reglamento internacional que ha posibilitado que se

¹⁸ Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais

¹⁹ Organización Nacional de Ciegos Españoles

²⁰ IBSA

extienda por todos los países afiliados a IBSA la promoción de este deporte en auge y con grandes expectativas de crecimiento futuro. (FEDC, 2007 b)

Com esta internacionalização do futebol de cinco, como anteriormente citado, fazendo com que suas regras fossem difundidas por todos os países a ela filiada, houve a organização mais efetiva e organizada de competições internacionais.

O Brasil, a exemplo do futebol e do futsal, é também uma superpotência no Futebol de cinco, como é conhecido o futebol para cegos. O esporte, como já vimos, entrou para os Jogos Paraolímpicos só na última edição, em Atenas – 2004, contando com a participação apenas da categoria B1, masculino, no qual o país conquistou a medalha de ouro. Atualmente o Brasil é o país com mais equipes no mundo, com mais de 40 equipes, distribuídos em aproximadamente 21 estados, sendo talvez por isso, o país que mais realiza competições. E por toda a ginga, a malandragem e técnica, bastante presentes no futebol e no futsal, também incorporado ao futebol de cinco, a seleção brasileira é considerada também a melhor no mundo na modalidade. Para comprovar isto, basta verificar os títulos conquistados por esta seleção durante a trajetória de competições internacionais, ainda bastante recentes, como vimos anteriormente.

A Seleção Brasileira de Futebol de Cinco, nas quatro edições da Copa América, conquistou o título por três vezes, em 1997, na capital paraguaia Assunção; em 2001, em Paulínia, São Paulo; e em 2003, na capital colombiana Bogotá. Este último título possibilitou a classificação da seleção brasileira para a disputa inédita da modalidade nas paraolimpíadas, em Atenas, 2004. Somente na edição de 1999, em Buenos Aires, o título acabou com os donos da casa (Argentina), por terem um melhor saldo de gols, ficando portanto o Brasil, com a vice-liderança nesta competição.

Se formos falar em Campeonatos Mundiais, o Brasil é também uma hegemonia, uma vez que, das três edições desta competição, o Brasil foi campeão em duas. Segundo CPB (2006), em Paulínia, São Paulo, 1998, o Brasil sediou o primeiro Campeonato Mundial de futebol de cinco. Jogando em território brasileiro, a seleção brasileira demonstrou todo o seu poderio, sagrando-se campeã do mundo. Dois anos depois, em Jerez De La Frontera, Espanha, o título continuou sob o domínio brasileiro, já demonstrando toda a sua supremacia no esporte. Porém, na terceira edição do torneio, que ocorreu no Rio de Janeiro em 2002, a seleção brasileira foi

derrotada na semifinal, quando jogou contra a seleção espanhola, ficando em terceiro lugar. Nesta edição da competição, os argentinos foram os campeões e os espanhóis, segundo colocados.

O esporte, como vimos, entrou para os Jogos Paraolímpicos só na última edição, em Atenas – 2004. As disputas ocorreram somente na categoria B1, masculina, e em quadra de grama sintética. A Seleção Brasileira de Futebol de Cegos tornou-se, na ocasião, a única seleção do planeta a conquistar a medalha de ouro desta competição.

Já em 2007, nos Jogos Parapan-americanos, que ocorreram na cidade do Rio de Janeiro, o Brasil mais uma vez demonstrou sua superioridade, conquistando mais um título. E a exemplo do futebol e também do futsal, alguns jogadores brasileiros já foram muitas vezes sendo eleitos os melhores do mundo, são o caso dos jogadores Mizael Conrado, que foi eleito em 1998 e em 2000, João Batista da Silva (em 2004) e o atual melhor do mundo: Ricardo Alves, o Ricardinho que obteve o título em 2006.

No próximo capítulo iremos abordar de uma maneira mais específica as regras propriamente ditas, buscando resgatar como eram à época inicial e como são hoje, procurando analisar o motivo desta mudança, como proposto no início do trabalho.

4 Futebol de cinco e as regras

Como vimos nos capítulos anteriores, o futebol de cinco, de uma maneira ou de outra, foi um esporte que inicialmente tratava-se mais de um jogo, que sempre foi praticado pelos alunos nas instituições especializadas, de maneira lúdica, sem regras definidas e se tratando apenas de uma versão do futebol – só que jogado em quadra – visando somente a diversão nos intervalos de suas aulas. Posteriormente, com o desenvolvimento das regras do futebol de salão e do futsal, as regras do futebol de cinco também foram se desenvolvendo, baseadas sempre nas regras destas modalidades, já citadas anteriormente. O futsal inclusive, atualmente dirigida pela FIFA²¹, é o que dá a diretiva para as regras do futebol de cinco, uma vez que trata-se basicamente das mesmas, porém, sofrendo algumas alterações e se adaptando de acordo com a necessidade e as características dos praticantes, possibilitando às pessoas que jogam, o fazerem sem a necessidade de uma outra pessoa que os indique a localização da bola, por exemplo, ou mesmo para manter a sua integridade ao jogar, uma vez que o ambiente oferece-lhes vários riscos, se não fossem realizadas algumas destas mudanças, como veremos mais detalhadamente adiante.

Resumidamente temos então, atualmente, que o Futebol de cinco é uma modalidade da qual participam pessoas com deficiência visual, seguindo a classificação citada anteriormente, onde B1 é o atleta cego e B2 e B3 os com baixa visão. As categorias de competição são divididas por classe visual – B1 e B2/B3 – e as partidas estão separadas em dois tempos de 25 minutos, com um intervalo de 10 minutos entre eles. As medidas da quadra são as mesmas do futsal (de 38x18m a 42x22m), com a presença de uma banda lateral que evita que a bola saia a toda hora, tornando o jogo mais dinâmico. As regras são as mesmas da FIFA, com adaptações da IBSA. O goleiro fica em uma área retangular própria deste, além da grande área. Se este atleta sair de seu espaço ou tocar na bola fora deste, é marcado pênalti contra a sua equipe. Esta mudança serve para reduzir o espaço destes atletas, únicos que podem enxergar no time. Em quadra, jogam quatro na linha e um no gol. Há também a presença do chamador, que se localiza atrás do gol adversário e se destina a orientar sua equipe quanto à localização do espaço

²¹ Federação Internacional de Futebol Associado

de meta, além de auxiliar na organização desta equipe durante o jogo, além do técnico, muito importante na organização geral da equipe.

Temos então que, inicialmente, segundo Itani (2005, p. 15) os cegos praticavam o futebol de cinco com as mesmas regras do futebol de salão. Ao longo do tempo, foram realizadas algumas adaptações, como citado acima, porém sem descaracterizar a modalidade. E é em 1996, após a criação do subcomitê de futebol da IBSA, no ano anterior, que estas mudanças foram efetivamente oficializadas e unificadas, diminuindo a “frequência e a quantidade de atletas feridos durante uma partida”.

Iremos descrever a seguir, todas estas adaptações mais detalhadamente, analisando possíveis motivos destas terem ocorrido, como a segurança dos atletas, para uma maior fluidez do jogo em si ou para tornar a partida interessante aos que assistem.

Bola

Como já adiantamos em capítulos anteriores, o futebol de cinco era inicialmente praticado com qualquer objeto que emitisse algum som, fazendo com que fosse possível localizá-la, dando prosseguimento ao jogo, sem a necessidade de uma outra pessoa que dissesse a sua localização. Segundo Itani (2005, p. 18-19), diversos foram os materiais, até se chegar ao que é hoje. Inicialmente os alunos das instituições especializadas, ao perceberem que a lata de refrigerante emitia um som possível de localização e de fluidez do jogo, começaram a jogar o futebol, nos pátios destas instituições, utilizando-se deste objeto. Um outro material que, segundo o entrevistado “E5” apud Itani (2005, p. 18-19), era utilizado para a prática inicial do futebol, ainda nestas instituições era uma garrafa plástica, com pequenas pedras em seu interior, fazendo com que também fosse possível a localização do objeto e conseqüente prática da modalidade. Posteriormente, iniciou-se o uso de bolas propriamente ditas, adaptando-se ao amarrar com sacolas plásticas para a emissão do som e prosseguimento do jogo. Ainda houve a tentativa de amarrar tampinhas, muitas vezes com arames nas bolas para que estas emitissem algum som, ou mesmo “chocalhos” presos a esta. Porém, todas estas adaptações, realizadas devido ao anseio dos praticantes em “jogar bola” livremente, sem a necessidade de outros que o ajudassem, ofereciam muitos riscos aos jogadores, tanto para os que manipulavam a bola, ao

realizar um chute, por exemplo, quanto para os que pudessem ser atingidos por este aparato durante a trajetória deste.

[...] eu comecei a jogar futebol de cegos com garrafas, com pedrinhas dentro, né. Jogava com garrafa, já joguei com lata, já jogamos com bola amarrada, bola dente de leite feita de tiras com guizos externos com tampinhas e arama. Depois nós passamos para uma bola de capotão, colada a um guizo externo, já com uma chapinha de redonda de ferro [...] depois passamos pela bola com guizo interno, aquela menor e bem mais pesada. Depois passou-se para a bola um pouquinho maior, né, e mais leve. E agora essa que tá hoje, um pouquinho maior e um pouquinho mais leve. (ENTREVISTADO “E5” apud ITANI, 2005, p. 18-19)

Como observamos, a bola passou por uma evolução, tanto no ponto de vista tecnológico, com a melhoria dos materiais em que é fabricada, como na questão da segurança à integridade física dos seus praticantes. A bola atual deverá ter um sistema de som que será “interno para permitir una trayectoria regular del balón de manera que cuando éste gire sobre sí mismo o en forma centrífuga, mantenga el sonido y la seguridad de los jugadores” (IBSA, 2007 f). Estes sinais são utilizados como base para orientação e localização pelo espaço e até mesmo para a localização de um adversário – quando este está com a posse de bola, é possível ter uma idéia da distância e direção, bem como da atitude que este está tomando no deslocamento.

As bolas atuais, utilizadas em competições oficiais da IBSA são de fabricação brasileira e doadas ao mundo todo, através do projeto “Pintando a Liberdade”, criado em 1997, pelo ministério do planejamento e que compreende a confecção – por internos de penitenciárias de todo o Brasil – dentre outros materiais, dessas bolas utilizadas para o jogo do futebol de cinco.



Figura 2: Projeto Pintando a Liberdade. Fonte: Ministério do Planejamento, 2007.

Por ser esta a bola oficial utilizada pela IBSA em competições internacionais, como mencionado acima – levando vantagem até mesmo sobre a Espanha, em preço e qualidade, segundo Ministério do Planejamento – estas foram as bolas utilizadas na estréia da modalidade em Paraolimpíadas, em Atenas, 2004, e também anteriormente na edição do Rio de Janeiro, na segunda edição do Mundial de Cegos, em 2002. Isso demonstra a capacidade de produzir esta tecnologia, bem como o reconhecimento brasileiro na esfera internacional, não só como equipe, mas também como produtor de uma tecnologia dita de ponta.

Quadra e Banda lateral

A quadra de jogo do futebol de cinco possui as mesmas medidas da de futsal – que pode variar entre 38 metros a 42 metros de comprimento, por 18 metros a 22 metros de largura – porém não poderá haver variação na luminosidade do ambiente e não poderá se jogar em locais onde a quadra é fechada, interferindo na acústica do local. O terreno de jogo poderá ser de grama natural ou sintética, de madeira ou outro material similar.

Uma mudança bem significativa em relação ao futebol de salão convencional é a presença, na modalidade do futebol de cinco, da banda lateral, independente do local de jogo (campo, quadra etc.), ou seja, uma proteção presente ao longo de toda a linha lateral, em ambos os lados, que possui a altura mínima de 1 metro e máxima de 1,20 metros. Esta banda foi colocada com o objetivo de proteção – evitando que o jogador saia muito do espaço de jogo, vindo a colidir com possíveis barreiras arquitetônicas –, e também para tornar o jogo mais dinâmico e interessante à quem assiste, uma vez que evita que a partida seja interrompida a todo momento em que a bola saia do campo de jogo.

Porém, esta mudança é bastante controversa, uma vez que com a presença desta banda lateral, os jogadores já não têm mais a preocupação em se conseguir obter a precisão da jogada (passe, deslocamento, recepção etc.), já que ele sabe que, por mais forte e impreciso que o passe tenha sido, a bola irá, muitas vezes, passar por ele, porém irá colidir com a banda e poderá retornar ao mesmo. Outros defendem que a presença da banda lateral, facilitou no sentido de localização espacial dos jogadores, já que, para eles, muitos atletas não têm muita ciência do espaço de jogo. Estes dois pontos de vista podem ser observados na fala dos indivíduos a seguir, citados por Itani (2005):

[...] já não tem aquela preocupação de fazer com que a bola chegue ao seu companheiro de maneira que ele possa receber. Você pode até mandar um passe mais forte que ela vai passar por ele, vai bater nessa banda lateral e ele terá condições de ainda ir atrás dela [...] (entrevistado E7, p. 16)

“... É, a banda lateral é mais para ter um limite dos meninos não saírem muito, porque nem todos eles têm a percepção do espaço da quadra...” (ENTREVISTADO E8, p. 16)

Realmente se você pegar alguma fita de um jogo que não tinha banda, era muito lateral. Bola saía para cá... e hoje em dia não tem. O pessoal reclama muito que descaracterizou o futebol, mas na minha opinião, infelizmente tem que ser desse jeito, tem que ter a banda mesmo. (ENTREVISTADO E6, p. 16)

Como vimos acima, por um lado, esta mudança veio a trazer resultados positivos como o auxílio na orientação espacial de alguns jogadores e aumento da dinamicidade do jogo, mas por outro, acabou facilitando, porém não auxiliando totalmente, àqueles ou àquelas equipes cujo nível técnico era inferior a outra, por não haver a necessidade de tanta precisão de jogadas.

Se a bola, durante uma partida, ultrapassar esta banda lateral, será cobrado um lateral, com os pés, assim como no futsal, do local aproximado de onde a bola ultrapassou a banda.

Goleiro

Uma outra alteração ocorrida nas regras é a limitação da área de atuação do goleiro, que está atualmente limitado a uma área de 5x2 metros (existe então a largura da meta (3 metros), mais um metro para cada lado; e também 2 metros à frente da linha de fundo). Podemos verificar melhor esta área nas figuras a seguir:



Figura 3: Área do goleiro, demarcado na quadra.
Fonte: IBSA, 2007 b.



Figura 4: Goleiro em disputa de bola e área do goleiro.
Fonte: IBSA, 2007 b.

A atuação do goleiro, que antes podia se deslocar dentro da sua área e deveria ser uma pessoa que possuísse visão sub-normal (categorias B2 ou B3²²), atualmente é bastante limitada. Se este toca na bola, com qualquer parte do corpo, fora desta área restrita, é marcado uma cobrança de pênalti contra a sua equipe. O goleiro, atualmente, não necessita possuir uma visão sub-normal, como citado anteriormente, podendo até mesmo ser federado, porém não pode estar atuando em outra equipe.

Segundo Itani, 2005:

Nos primeiros campeonatos nacionais dirigidas pela ABDC²³, o goleiro era obrigatoriamente, um jogador com baixa visão, mas este não poderia ter vínculo com equipes de futsal convencional, ou seja, não poderia ser um atleta federado. Somente nestes últimos campeonatos, já nesta década (2000), que foi convencionado a ação dos goleiros federados. (p.22)

Entendemos que esta mudança, em questão de segurança para o próprio defensor, veio a melhorar, devido ao fato de muitos destes goleiros terem dificuldade para a visualização da bola em chutes de longa distância, por exemplo, como vemos no trecho a seguir:

[...] nos primeiros momentos de futsal os goleiros eram de visão parcial, com deficiência visual parcial [...]. Isso obviamente facilitava para os jogadores de linha porque muitas vezes até o goleiro, com a visão reduzida, acabava não tendo a percepção principalmente dos chutes de longa distância. Muitas vezes o goleiro só percebia a bola quando estava se aproximando e aí não dava tempo para que ele pudesse agir nessa defesa. Ao mesmo tempo, também era um risco maior até da perda da visão, já que ele não conseguia perceber com muita clareza essa bola (que) se aproximava [...]. Hoje, com o acesso dos goleiros de visão normal, o jogo ficou, vamos dizer assim, mais difícil para que você pudesse realizar gols. (Entrevistado E7 apud Itani, 2005, p. 21)

Vimos então que esta posição é importantíssima dentro da equipe, uma vez que é o goleiro que auxilia na configuração de sua equipe, ajudando o técnico a “arrumar o time” durante uma partida, orientando quanto ao posicionamento dos próprios jogadores em quadra, bem como no de seus adversários, auxiliando tanto na defesa da equipe quanto no seu ataque, quando geralmente é este o responsável pelo lançamento da bola aos jogadores postados mais antecipadamente na quadra, como podemos observar no trecho a seguir: “No futebol de salão de cegos, nós temos o limite que é de 2m que é a área nossa, não podemos sair dela. E além de pegar a bola, nós servimos também mais como base de orientação para a defesa”. (ENTREVISTADO E8 apud ITANI, 2005, p. 17).

²² Classificação oftalmológica explicada com maiores detalhes no capítulo de introdução do trabalho.

²³ Atualmente denominada CBDC (Confederação Brasileira de Desportos para Cegos).

[...] com a limitação da área de ação desse goleiro, também traz a ele um prejuízo. Na nossa época o goleiro de visão parcial ele podia agir, atuarem toda a área da quadra de futsal. Hoje não, os nosso goleiros têm uma área reduzida de dois metros para frente do gol e um metro para lado de cada poste. Então ele também tem essa visão, essa ação reduzida e dificultada. Mas eu creio que hoje nós [...] temos mais agilidade até na reposição de bola [...] eu creio que essa mudança veio a favorecer o desporto. (ENTREVISTADO E7, p. 16)

Com esta restrição de espaço, o goleiro, além de possuir uma visão mais restrita, pela dinamicidade da partida, necessita realizar a reposição de bola de uma maneira mais rápida, possibilitando o desarme rápido da equipe adversária e maior possibilidade de sua equipe atingir o objetivo final, ou seja, a finalização com sucesso da bola, dentro do gol adversário. Cremos então que esta mudança ocorreu no intuito de melhorar a dinamicidade do jogo, facilitando também a quem assiste às partidas e permitindo futuramente um interesse crescente da mídia, que é uma das grandes responsáveis pelo crescimento e aumento do interesse da população, já que possibilita a difusão em massa de determinado assunto, como discutido no capítulo um deste trabalho.



Figura 5: Goleiro.

Chamador e técnico

Atualmente existe a presença de uma peça muito importante em questão de orientação da equipe, principalmente no segmento de ataque, o chamador. É considerado atualmente uma espécie de auxiliar-técnico, visto sua facilidade de comunicação com os atletas, bem como com o técnico de sua equipe, durante o próprio jogo. É ele que orienta esta equipe no momento em que esta possui a posse de bola no ataque, norteando-a para a direção da meta adversária, atrás da qual, este se localiza.

Para facilitar a comunicação com toda a equipe, podemos realizar uma divisão imaginária do espaço de jogo em três regiões. Para evitar o excesso de sinais sonoros durante a partida, o que atrapalharia os jogadores, que necessitam de silêncio para localizar a bola pelo espaço, foram estipulados estas regiões, cada qual sob a “responsabilidade” de uma pessoa que orientará a equipe. Partindo-se da defesa para o ataque, a primeira região seria de responsabilidade do goleiro, principal orientador da equipe em sua defesa. A região de meio de quadra, ou seja, a segunda região ficaria na incumbência do técnico, localizado na lateral da quadra, fora da banda lateral. Já o chamador seria o responsável pela terceira região, ou seja, como já citado, na região que compreende o ataque de sua equipe. Segundo o entrevistado E6, citado por Itani (2005, p. 23), “o chamador auxilia bastante para o atacante estar acertando o gol”, além de todas as funções citadas anteriormente.

Porém durante o prosseguimento de uma partida e durante os próprios treinamentos, é o técnico o responsável pela arrumação e aprimoramento técnico da sua equipe.



Figura 6: Goleiro (primeiro plano) e chamador (localizado atrás do gol). Fonte: UOL, 2007.

Jogadores

Assim como no jogo de futsal, o futebol de cinco também é uma modalidade na qual participam dez jogadores, distribuídos nas duas equipes, sendo que quatro de cada equipe posicionam-se ao longo da quadra – denominados jogadores de linha –, e um de cada equipe seria o goleiro, único vidente a entrar em quadra, embora com algumas restrições em relação ao futsal, como já descrito acima. Dentre os jogadores de linha, todos eles são cegos totais, ou seja, são da categoria B1, melhor explicado no capítulo de introdução do presente trabalho.

Um equipamento obrigatório para uso destes atletas que jogam na linha é o tampão oftalmológico nos olhos. Este é posteriormente coberto por uma venda, melhor demonstrado nas figuras 7 e 8, a seguir. Este procedimento foi adotado para não oferecer nenhuma vantagem, visto que alguns dos atletas, embora sejam da categoria B1, possuem alguma percepção luminosa que poderiam favorecê-los de alguma maneira, como exemplificado abaixo:

Alguns entravam como B2, dizendo que era B1. Então enxergavam aproximadamente 10 %, e isso fazia uma diferença muito grande pra ta desviando do zagueiro ou vendo pelo menos o vulto da bola e daí levava uma vantagem enorme. Hoje em dia com o tampão já não tem essa diferença. (ENTREVISTADO E6 apud ITANI, 2005, p. 20)



Figura 7: Venda (visão interna).
Fonte: IBSA, 2007 f.



Figura 8: Venda (visão geral). Fonte: IBSA, 2007 f.

Para oferecer uma maior segurança aos atletas e evitar choques desnecessários em disputas de bolas, uma outra regra foi estabelecida visando a integridade destes. Ao se aproximarem para a disputa de bola ou mesmo em direção à ela, os jogadores deverão avisar, por meio de um sinal sonoro, antevendo possíveis colisões em momentos de disputa de bola, que podem assim ser evitadas. Este sinal sonoro é feito por meio da emissão de um som curto, monossilábico, como: eu, estoy, voy – as duas últimas, de origem espanhola – ou alguma outra palavra que tenha este sentido.

Cada equipe poderá contar, em cada partida, com até cinco jogadores reservas, incluindo o goleiro reserva, que, a exemplo do futsal, poderão ser substituídos a qualquer momento do jogo, não havendo um número máximo de trocas durante a partida. Um jogador que já foi substituído poderá, também como no futsal, retornar à mesma partida normalmente. Porém, sempre antes da substituição ser realizada, é necessário que se avise a mesa de controle.



Figura 9: Disputa de bola. Fonte: IBSA, 2007 b.



Figura 10: Disputa de bola. Fonte: IBSA, 2007 b.

Os itens citados neste capítulo, nos parágrafos anteriores (bola, quadra e banda lateral, jogadores, incluindo o goleiro e chamador) foram as principais mudanças das regras, desde o início da prática desta modalidade, até os dias atuais. Essas mudanças, como já discorrido anteriormente, trouxe benefícios, de uma maneira ou de outra à todos os envolvidos, desde os próprios jogadores, que através da adaptação da bola foram capazes, por exemplo, de se localizarem sem a necessidade de uma outra pessoa que o fizesse, até mesmo a banda, que tornou o jogo mais dinâmico, evitando que a bola saísse a todo instante e possibilitando aos espectadores um maior interesse no jogo em si.

Porém vale destacar também alguns aspectos negativos quanto à mudança das regras, tomando como exemplo a própria presença da banda lateral: se por um lado como dissemos, ela tornou o jogo mais dinâmico e possibilitou uma maior facilidade de localização espacial àqueles que não têm tanta facilidade de tê-la, por outro lado, tornou a necessidade de precisão do passe secundário, uma vez que mesmo se a direção e força não forem exatas, com a presença da banda, a bola se chocará contra esta e haverá a possibilidade de retornar ao jogador cujo passe era destinado.

Quanto à necessidade de aviso ao se dirigir em direção à bola, cremos que esta mudança na regra foi bastante positiva, uma vez que com isso evita-se choques, preservando a integridade física dos atletas e tornando os acidentes menos freqüentes.

A área restrita do goleiro também foi uma mudança bastante positiva, uma vez que com a restrição de atuação, este, que muitas vezes eram deficientes visuais, sofrem agora menos acidentes em possíveis disputas de bola. Estes acidentes ocorriam devido ao fato de, em grande parte das vezes, estes goleiros com visão sub-normal, não possuírem a exata noção da

aproximação da bola, colidindo com esta ou mesmo com outros jogadores que vinham em disputa desta, muitas vezes correndo o risco de perda total da visão que possuía.

Embora estas mudanças ocorridas sejam ainda muito discutidas, é consenso de que muitas delas foram positivas e necessárias, como a unificação ocorrida para a edição dos jogos paraolímpicos, visto que cada país possuía, segundo Itani (2005, p. 24), suas próprias regras e adaptações. Com o decorrer do tempo e com as possíveis necessidades que surgirão, outras mudanças e alterações poderão ocorrer nas regras, sendo ainda um processo contínuo, possibilitando cada vez mais a autonomia dos jogadores em quadra e necessitando cada vez menos de auxílios externos.

Como vimos, muitos detalhes do futsal foram preservados, como o tempo de jogo, dividido em dois tempos de 25 minutos, com um intervalo entre os tempos de 5 minutos e, ainda como no futsal, os técnicos do futebol de cinco possuem o direito de pedirem, em cada tempo, uma pausa – tempo técnico. Ao final do jogo, a equipe vencedora será a que obteve um maior número de gols marcados. Em caso de empate, dependendo do regulamento da competição, poderá haver a necessidade de cobrança alternada de pênaltis, para que o vencedor seja declarado (atualmente, está definida a cobrança alternada de 3 pênaltis para cada equipe).

Considerações finais

Com a realização do presente trabalho, pudemos verificar uma significativa evolução no sentido de adaptações, alterações e mudanças que possibilitaram a fruição do jogo de futebol de cinco pelas pessoas com deficiência visual, de maneira cada vez mais autônoma e independente. cremos numa evolução constante destas regras para que cada vez mais, pessoas se interessem tanto pela prática desta modalidade, aumentando então sua adesão, quanto pelo aumento do interesse em acompanhá-la, ou seja, um aumento no público que prestigia o futebol de cinco. Isto se tornará possível, como vimos, com a crescente cobertura da mídia, possível graças às constantes conquistas da seleção brasileira em competições reconhecidas internacionalmente, como é o caso dos títulos conquistados nas últimas competições disputadas: os jogos paraolímpicos²⁴, ocorridos no ano de 2004; os jogos mundiais, que aconteceram no presente ano (2007) e os jogos para pan-americanos, também ocorrido nos últimos meses, do presente ano (2007).

Este aumento de cobertura por parte da mídia fará com que o interesse de um segmento primordial, nos dias atuais, para o crescimento e desenvolvimento da modalidade se envolva também com estes esportes paraolímpicos: o patrocínio a atletas, instituições e eventos. Patrocínio este muito presente no esporte de rendimento e que cada vez mais tenderá a oferecer seus recursos aos esportes de rendimento paraolímpicos, possibilitando um aumento na profissionalização e fazendo com que atletas que muitas vezes não conseguem sobreviver somente do esporte, passem a fazê-lo. Com esta dedicação exclusiva, estes atletas melhorarão sua performance, aumentando seus resultados positivos e títulos conquistados, e com isso, aumentando ainda mais o interesse de toda a população por estes esportes e por suas competições.

No caso do futebol de cinco, pudemos constatar que o Brasil se destaca mundialmente e a tendência de novos títulos só aumenta, possibilitando toda esta cadeia de acontecimentos citadas acima.

²⁴ Como vimos, os jogos paraolímpicos são a segunda competição mais importante no esporte, vindo a perder somente para os jogos olímpicos.

Mas para que isso continue a acontecer, a necessidade de um trabalho de base se torna latente, uma vez que a tendência é o aumento da exigência destes atletas, fazendo com que estes esportes paraolímpicos se tornem cada vez mais competitivos, aumentando a necessidade de melhora no rendimento e conhecimento, tanto tático, como técnico. Isto se tornará possível se, desde cedo, a criança for estimulada, adquirindo os requisitos básicos para se tornar não só um grande atleta (já que são poucos os que conseguem e se interessam por atingir e se dedicarem ao alto rendimento), mas igualmente, um cidadão capaz de realizar autonomamente as mais básicas funções diárias, como a localização e orientação espacial, por exemplo, também muito importantes na prática do futebol de cinco, como já discutido em fragmentos anteriores.

Ao abordarmos a prática do futebol de cinco, devemos lembrar do crescimento, tanto em interesse, quanto em número de praticantes de atletas da modalidade feminina. Em nossas pesquisas, procuramos textos que abordassem o tema, porém, esta prática ainda trata-se de uma atividade exclusivamente masculina. Não encontramos registro de competições que abarquem a categoria feminina, talvez pelo reduzido número de mulheres que procuram esta prática, devido ao preconceito ainda muito presente nos dias atuais. O aumento no interesse por esta, se tornará possível com um trabalho de base que abranja tanto meninos, quanto meninas que se interessem inicialmente por uma prática mais lúdica, típicas do universo infantil, e, posteriormente, caso haja um interesse, possam vir a se profissionalizarem, envolvendo-se em competições e treinamentos propriamente ditos. A CBDC, de certa forma procura trabalhar este aspecto através da realização dos jogos escolares; evento este que procura despertar nos alunos, crianças e adolescentes, o interesse para a prática das mais diversas modalidades.

Não existem fundamentos na afirmação de que a mulher não tem capacidade de praticar o futebol, pelo contrário, acreditamos que a mulher possui várias características que tornam o jogo muito atraente. A prática do futsal, nas aulas de Educação Física, sem focar prioritariamente a vitória e a competição, pode auxiliar o aprendizado de meninas e de crianças, inclusive pessoas com deficiência visual que, devido aos diversos fatores citados acima, apresentam-se muitas vezes com menos estímulos no que diz respeito às experiências e às aprendizagens motoras.

Como dissemos no capítulo anterior, as mudanças e evoluções nas regras tendem a continuar a acontecer, porém devemos nos atentar para que estas ocorram sem que haja a descaracterização do futebol, perdendo então sua identidade. Para a prática da modalidade

feminina, cremos que não há a necessidade de alterações em suas regras, em relação às regras do futebol de cinco que hoje é praticado. Tanto homens quanto mulheres possuem a mesma capacidade de desenvolverem a prática da modalidade, com iguais condições.

E para que tudo o que foi discutido anteriormente se torne passível de realização, aumenta-se então a importância e necessidade de profissionais capacitados em trabalhar com estas pessoas. Daí a valorização cada vez maior do profissional de Educação Física, que atuará tanto na estimulação das crianças e adolescentes nas próprias escolas, despertando um interesse inicial pela prática esportiva, quanto para a atuação em clubes e instituições, visando também o treinamento para a obtenção de rendimento crescente, atuando em clubes e tornando-se profissionais, vindo a conquistar mais títulos e elevando o país em nível internacional.

Concordamos com Munster, Almeida (2005, p. 74) quando estes afirmam que

o esporte para pessoas com deficiência visual possa vir a ser compreendido enquanto fenômeno sociocultural de múltiplas possibilidades, cujas dimensões sociais podem abranger a educação, o lazer e o rendimento, e cujas referências principais são, respectivamente, a formação, a participação e o desempenho.

E é por isso que desenvolvemos o presente tema, que abarca o futebol de cinco. Modalidade cuja prática é voltada para pessoas com deficiência visual, com características tipicamente inseridas na cultura do país que é a maior potência quando se trata de um esporte que é “organizado em um conjunto particular de movimentos que, pela manipulação de uma bola com os segmentos corporais, [...] expressa as idéias e os sentimentos de indivíduos e, de uma maneira mais global, a cultura de povos”. (FREIRE, 2003, p. 17)

Referências Bibliográficas

ABDC (Associação Brasileira de Desportos para Cegos). **História: futebol.** Disponível em <<http://www.abdcnet.com.br>>. Acesso em 03 de março de 2004 apud ITANI, Daniela Eiko. **Futebol de cinco: um esporte possível para cegos.** 2005. 90f. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

ALTMANN, Helena. **Rompendo fronteiras de gênero: Marias e homens na Educação Física.** Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte: UFMG, 1998.

BETTI, Mauro. **A janela de vidro: esporte, televisão e educação física.** Campinas, SP: Papirus, 1998.

CBDC (Confederação Brasileira de Desportos para Cegos). **Classificação Visual.** Disponível em: <<http://www.cbdc.org.br/classvisual.htm>>. Acesso em 26 de setembro de 2006a.

_____. **Futebol.** Disponível em: <<http://www.cbdc.org.br/modalidades/futebol/B1/index.htm>>. Acesso em 26 de setembro de 2006b.

_____. **A CBDC.** Disponível em: <<http://www.cbdc.org.br/quemsomos.htm>>. Acesso em 26 de setembro de 2006c.

_____. **Futebol B1 (atletas cegos).** Disponível em: <http://www.cbdc.org.br/novo_site/index.php?idmenu=34&codtipoconteudo=4>. Acesso em 03 de junho de 2007.

CBFS (Confederação Brasileira de Futebol de Salão). **Origem.** Disponível em: <<http://www.cbfs.com.br/novo/origem.asp>>. Acesso em 10 de julho de 2007.

CPB (Comitê Paraolímpico Brasileiro). **Futebol de 5.** Comitê Paraolímpico Brasileiro. Disponível em: <<http://www.cpb.org.br/modalidades/integra.asp?modal=futebol5>>. Acesso em 24 de setembro de 2006.

_____. **Paraolimpíadas – História.** Disponível em: <<http://www.cpb.org.br/paraolimpiada/integra.asp>>. Acesso em 02 de outubro de 2007a.

_____. **Paraolimpíadas – Números.** Disponível em: <<http://www.cpb.org.br/paraolimpiada/integra.asp>>. Acesso em 02 de outubro de 2007b.

DAOLIO, Jocimar (org.). **Futebol, cultura e sociedade.** – Campinas, SP: Autores Associados, 2005.

FEDC (Federación Española de Deportes para Ciegos). **El Fútbol Sala de Ciegos**. Disponível em: <<http://www.fedc.es/deportes/futbol/presentacion/presentacion.htm>>. Acesso em 22 de outubro de 2007a.

_____. **Historial del Fútbol Sala**. Disponível em: <<http://www.fedc.es/deportes/futbol/historial/historial.htm>>. Acesso em 22 de outubro de 2007b.

FERREIRA, Ricardo Lucena **Futsal e a iniciação**. Rio de Janeiro: Sprint, 1994 apud ITANI, Daniela Eiko. **Futebol de cinco: um esporte possível para cegos**. 2005. 90f. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

FREIRE, João Batista. **Pedagogia do Futebol**. Campinas, SP: Autores Associados, 2003.

GOOGLE ACADÊMICO. Disponível em: <<http://scholar.google.com.br/>>. Acesso em 10 de setembro de 2007.

IBSA (International Blind Sports Federation – Federação Internacional de Esportes para Cegos). **Competiciones**. Disponível em: <<http://www.ibsa.es/esp/deportes/football/competiciones.asp?id=4>>. Acesso em 01 de outubro de 2007a.

_____. **Estrellas**. Disponível em: <<http://www.ibsa.es/esp/deportes/football/estrellas.asp>>. Acesso em 20 de setembro de 2007b.

_____. **Home**. Disponível em: <<http://www.ibsa.es/esp/>>. Acesso em 20 de setembro de 2007c.

_____. **Información General**. Disponível em: <<http://www.ibsa.es/esp/deportes/football/presentacion.htm>>. Acesso em 20 de setembro de 2007d.

_____. **Presentación**. Disponível em: <<http://www.ibsa.es/esp/ibsa/presentacion.htm>>. Acesso em 22 de outubro de 2007e.

_____. **Reglamento**. Disponível em: <<http://www.ibsa.es/esp/deportes/football/reglamento.htm>>. Acesso em 22 de outubro de 2007f.

IPC (International Paralympic Committee). **Home. Welcome to the International Paralympic Committee (IPC)**. Disponível em: <http://www.paralympic.org/release/Main_Sections_Menu/index.html>. Acesso em 18 de outubro de 2007.

ITANI, Daniela Eiko. **Futebol de cinco: um esporte possível para cegos**. 2005. 90f. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

LUCENA, Ricardo. **O Esporte na Cidade**. Campinas, SP: Autores Associados, 2001.

LÜDORF, Sílvia M. Agatti. **Metodologia da pesquisa: do projeto à monografia**. Rio de Janeiro: Shape, 2004.

MINISTÉRIO DO ESPORTE. **Projeto Pintando a Liberdade**. Disponível em: <<http://portal.esporte.gov.br/pintando/default.jsp>>. Acesso em 10 de novembro de 2007.

MINISTÉRIO DO PLANEJAMENTO. Notícias. **Mundial de futebol para cegos, no Rio, terá bolas de guizo brasileiras**. Disponível em: <http://homplanejamento.serpro.gov.br/planejamento_investimento/conteudo/noticias/mundial_de_futebol_para_cegos.htm>. Acesso em 10 de novembro de 2007.

MORATO, Márcio Pereira. **Treinamento defensivo no futsal**. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd77/futs.htm>>. Acesso em 05 de agosto de 2006.

MULLIN, B. J.; HARDY, S.; SUTTON, W. A. **A natureza especial do Marketing Esportivo**, (cap.1, pp 13-25) in Marketing Esportivo, Porto Alegre, Artmed/Bookman, 2004.

MUNSTER, Mey de Abreu van; ALMEIDA, José Júlio Gavião de. Atividade física e deficiência visual. In: GORGATTI, Márcia Greguol; COSTA, Roberto Fernandes da (Org.). **Atividade Física Adaptada: Qualidade de vida para pessoas com necessidades especiais**. Barueri, SP: Manole, 2005.

ONCE (Organización Nacional de Ciegos Españoles). **Servicios Sociales: cultura, ocio y deporte**: Deporte: Deporte de competición. Disponível em: <<http://www.once.es>>. Acesso em 03 de março de 2004 apud ITANI, Daniela Eiko. **Futebol de cinco: um esporte possível para cegos**. 2005. 90f. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

PEDRINELLI, Verena Junghänel; VERENGUER, Rita de Cássia Garcia. Educação física adaptada: introdução ao universo das possibilidades. In: GORGATTI, Márcia Greguol; COSTA, Roberto Fernandes da (Org.). **Atividade Física Adaptada: Qualidade de vida para pessoas com necessidades especiais**. Barueri, SP: Manole, 2005.

PICCOLI, João Jaccottet. **Normatização para trabalhos de conclusão em Educação Física**. 2 ed. Canoas: Ed. ULBRA, 2006.

PITTS, B. G.; STOTLART, D. **Teoria do Marketing Esportivo**. In: Fundamentos de Marketing Esportivo, São Paulo: Phorte Editora, 2002. p. 83-104.

SANTANA, Wilton Carlos de. **Futebol de salão e futsal: 70 e poucos anos de história**. Disponível em: <<http://www.pedagogiadofutsal.com.br/historia.php>>. Acessos em 27 de maio, 20 de agosto, 22 de outubro e 19 de novembro de 2004 apud ITANI, Daniela Eiko. **Futebol de cinco: um esporte possível para cegos**. 2005. 90f. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

_____. **Contextualização Histórica do Futsal**. Disponível em: <<http://www.pedagogiadofutsal.com.br/historia.asp>>. Acesso em 10 de julho de 2007.

TORRES, M. S. **O futsal como conteúdo pedagógico da Educação Física Escolar: um estudo no ensino fundamental**. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação)-Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1997 apud ITANI, Daniela Eiko. **Futebol de cinco: um esporte possível para cegos**. 2005. 90f. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

WIKIPEDIA. **Futebol-de-Cinco**. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Futebol-de-Cinco>>. Acesso em 01 de outubro de 2007

WINNICK, Joseph P. **Educação física e esportes adaptados**. Tradução de Fernando Augusto Lopes. Barueri, SP: Manole, 2005.